

## UMA DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA DA CASA-AFETIVA NO DOMÍNIO DA MEMÓRIA

Luciano Fiscina<sup>1</sup>

### Resumo

Apresentamos um ensaio fenomenológico da casa-afetiva procurando descrevê-la no âmbito das vivências autobiográficas que conferem formas elevadas de compreensão da vida no domínio poético da imagem, da lembrança e da linguagem. Buscamos representar uma corrente da fenomenologia cuja convergência reflete uma hermenêutica em que as regiões de pertencimento e enraizamento participam de certa ontologia fundamental da temporalidade da existência humana. Parece-nos uma matéria ao alcance de uma psicologia social que busca no exame da microhistória a estrutura poética da memória que desvela o sentimento de um habitar. Vamos em busca desse tempo autobiográfico originário do *Ser* no qual encontramos nossas relações de pertencimento.

**Palavras-chave:** Casa-afetiva. Fenomenologia. Psicologia social. Arte da memória. Tempo autobiográfico.

### A PHENOMENOLOGICAL DESCRIPTION OF THE AFFECTIONATE HOUSE IN THE DOMAIN OF MEMORY

### Abstract

We present a phenomenological essay on the affective-home seeking to describe it within the scope of autobiographical experiences that confer elevated ways of comprehension of life in the poetic domain of image, remembrance and language. We seek to represent a current tradition of phenomenology whose convergence reflects hermeneutics in which the regions of belonging and rooting participate on certain fundamental ontology of the temporality of human existence. It seems to us to be a subject the within reach of a social psychology that seeks in the examination of microhistory the poetic structure of memory that unveils the feeling of inhabiting. We are looking for that original autobiographical time of Being in which we find our relationships of belonging.

**Keywords:** Affective-home. Phenomenology. Social psychology. Memory art. Autobiographical time.

Caro leitor, permita-me expor o verso de um tema que me tem sido caro nos últimos tempos. Parte de uma investigação do percepto *casa-afetiva* na base das autobiografias que revelam os nexos axiológicos de significado, sentido e propósito de vida, ao modo já proposto por Wilhelm Dilthey<sup>2</sup>. A autobiografia como o método mais elevado de compreensão da vida.

---

<sup>1</sup> Luciano Fiscina é psicólogo graduado pela Universidade Mackenzie, com mestrado em História da Ciência pela PUC-SP e doutorado em Psicologia Social pelo IP-USP, em ambos os casos com bolsas da CAPES. Tem realizado pesquisas na interface entre Epistemologia e História da Psicologia. Atualmente faz estudos sobre a Fenomenologia em diálogo com a hermenêutica-existencial, literatura, Psicologia Social e Psicologia da Arte na compreensão e descrição das abordagens estéticas da percepção e da memória.

<sup>2</sup> Wilhelm Dilthey, (1978). "Draft Critique of Historical Reason" (p. 191-264). In: *The formation of the historical world in the human sciences*.

Nesse sentido, logo de início, podemos nos inspirar nas poesias de Friedrich Hölderlin e nos inscrever na poética de Martin Heidegger e Gaston Bachelard, quando o que a memória mais reconhece é aquilo que, poeticamente, habitamos. Assim, vamos tratar de uma corrente da Fenomenologia cuja convergência reflete uma hermenêutica em que as regiões de pertencimento e enraizamento participam de certa ontologia fundamental da temporalidade da existência humana.

A descrição fenomenológica da casa-afetiva no domínio da memória parece-nos uma matéria ao alcance de uma psicologia social que busca no exame da microhistória os episódios e as cenas que compõem a tessitura entre *lugares* e *imagens* na estrutura poética de uma linguagem que desvela lembranças, contraditoriedades semânticas e temporalidades a partir da presença factível de *um concreto, um espaço, um gesto, imagens e objetos*.

Ecléa Bosí, em *O Tempo Vivo da Memória* (2003), lembra-nos com atenção a ideia de enraizamento nos trabalhos de Simone Weil, o enraizamento como o vínculo com o passado e a força da identidade. Um vínculo autobiográfico com a terra ligado à sobrevivência psicológica por meio de uma visão de mundo, uma imagem, um sentimento: “como forma de arrancar do fundo do oceano das idades um “fato puro, memorizado”<sup>3</sup>. Podemos compreender que o sujeito humano produz sua morada sobre a physis da memória. Em tudo que desabrocha na natureza, o elemento terra parece estar presente na memória que funda um habitar.

William James, em *Pragmatism and the Meaning of Truth* (1907), apresenta-nos uma ideia de sentimento que muito influenciou Henri Bergson. James compreende o sentimento como a função subjetiva de todos os estados da consciência, ou seja, como a função interna e inerente da mente. Essa função interna é muito próxima daquela definida por Kant, em *Princípios metafísicos da ciência da natureza*, própria das *sucessões temporais da consciência*. (1990)

Na perspectiva de William James (1907), o sentimento é uma espécie de cognição que transcende a representação e, nesse sentido: “O sentimento pode ser sustentado por nós para ser a realidade cognoscível”<sup>4</sup>. Em seu clássico, *Principles of Psychology*, no capítulo sobre a percepção do tempo, James relaciona o sentimento a uma qualidade da experiência que resistiu à sucessão (ou mudança). O sentimento como sendo aquele algo que resta de original, comentado por Ecléa, no sentido bergsoniano da duração (2006).

Aqui no domínio da memória, a hermenêutica passa a ser necessária na articulação que recompõe o *tempo puro* da lembrança quando esta se dá pela via expressa do relato e da história oral, isto é, como se *dentro do tempo houvesse algo a ser extraído*, cuja percepção é a “apropriação veemente do que sabemos que não nos pertence mais”<sup>5</sup> (2003).

A busca de um passado inscrito sob o signo da salvação ou de um estado puro. Marcel Proust, no último volume “Tempo Redescoberto”, assim nos descreve esse passado que vai além do estereótipo em forma de frescor:

E eis que, de súbito, nessa dura lei estava neutralizado, suspenso, por um maravilhoso expediente: a natureza, que faz refletir-se uma sensação do ruído do garfo e do martelo, mesmo no título de um livro etc.- Ao mesmo tempo no passado, o que permitia à minha imaginação saboreá-la, e no presente, onde o

<sup>3</sup> Ecléa Bosí, (2003). *O tempo vivo da memória*, p. 19.

<sup>4</sup> William James, *Principles of psychology*, p. 181.

<sup>5</sup> Ecléa Bosí, *O tempo vivo da memória*, p. 20.

abalo efetivo de meus sentidos pelo ruído, pelo contato do pano etc. acrescentara aos devaneios da imaginação aquilo de que são habitualmente destituídos, a ideia de existência - e graças a tal subterfúgio me permitira obter, isolar e imobilizar (na duração de um relâmpago) o que jamais apreendera: uma fração de tempo em estado puro. A criatura que renascera em mim quando, com tal frêmito de felicidade, eu ouvira o ruído vulgar, simultâneo, da colher que bate no prato e do martelo que atinge a roda, da desigualdade semelhante dos pavimentos do pátio dos Guermantes e do batistério de São Marcos; então essa criatura só se nutre da essência das coisas, só nela encontra subsistência e delícias<sup>6</sup>.

Ecléa nos fala da *invocação de uma Gestalt longínqua*<sup>7</sup> para uma captura cognoscível do tempo fora do seu composto homogêneo. Em forma de expressão literária, Proust ascende a uma diacronia lírica, como se o horizonte da lembrança aquarelasse um composto vivo de essências.

A evocação proustiana lança luzes nas lembranças que afloram aquele rosto que perdemos numa voz que ainda ouvimos e “retorna obsessiva e fiel a seu próprio timbre em que os relatos autobiográficos mostram-se como atividade psíquica dotada de força e significado”<sup>8</sup>.

Nesse sentido, a casa-afetiva satisfaz esse anseio bergsoniano bem absorvido por Ecléa por corresponder a um percepto que abre uma possibilidade de fenômenos a respeito do tempo vivido; o tempo autobiográfico originário do *Ser* no qual encontramos nossas relações de pertencimento.

Caberia a uma psicologia social lírica captar o devir da casa afetiva, isto é, o tempo em forma de duração, no domínio do amor e das paixões?

Em qualquer possibilidade, a descrição é fenomenológica. James sabia disso e Jung também ao falarem da experiência religiosa. Penso que o mesmo se aplica à aventura semântica da casa-afetiva. Ecléa realça: “O cérebro é capaz de apostar no que sempre perdeu e se lançar no imprevisível, pois seus critérios não são os da eficiência imediata, nem os da recompensa no presente”<sup>9</sup>.

Desse modo, uma fenomenologia da casa-afetiva no domínio da memória acende a questão acerca da recuperação do tempo na medida em que perdê-lo seria o mesmo que cair no esquecimento da própria identidade. Na busca narrativa das verdades autobiográficas, a casa-afetiva estabelece um encontro entre a consciência e o tempo, tal como em Proust, em “Tempo Redescoberto”: o que vem do passado, ao falarmos das alegrias do espírito, nos traz de volta esse *tempo perdido*<sup>10</sup>.

<sup>6</sup> Marcel Proust, “Tempo Redescoberto”. Vol. 7. In: *A busca do tempo perdido*, pp. 179-180.

<sup>7</sup> Ecléa Bosi, *O tempo vivo da memória*, p. 20.

<sup>8</sup> *Ibid*, p. 40.

<sup>9</sup> *Ibid*, p. 42.

<sup>10</sup> “Eu deslizava rapidamente sobre tudo isso, mais imperiosamente solicitado, como estava, a procurar a causa dessa felicidade, do caráter, de certeza com que ela se impunha, pesquisa outrora adiada. Essa causa, contudo, eu a adivinhava ao comparar essas várias impressões que me proporcionavam bem-estar e que, entre elas, tinham em comum a faculdade de serem sentidas, ao mesmo tempo, no momento atual e num momento passado o ruído da colher no prato, a desigualdade das lajes, o gosto da madeleine-, até fazerem o passado permear o presente a ponto de me tornar hesitante, sem saber em qual dos dois me encontrava; na verdade, a criatura que então saboreava em mim essa impressão, saboreava-a naquilo que ela possuía em comum entre um dia antigo e o atual, no que possuía de extra-temporal, era uma criatura que só aparecia quando, por uma dessas identidades entre o presente e o passado, podia achar-se no único ambiente em que conseguiria viver, desfrutar da essência das coisas, isto é, fora do tempo. Isto explicava por que minhas inquietações acerca da minha morte teriam cessado no momento em que

Assim, a atividade fenomenológica da casa-afetiva, ao estilo bergsoniano, nos fala tanto de uma simbolização, quanto da intuição de um devir que nos devolve os sentimentos de um tempo que retorna simultâneo ao presente, aquele *minuto de três séculos vividos*, poeticamente, bachelardiano.

No domínio autobiográfico, a casa-afetiva é uma poderosa substância memorativa das imagens íntimas que coordenam o tempo sob o efeito do átimo do minuto que abre o campo de duração das sensibilidades.

Nesses caminhos, a casa-afetiva se mostra um percepto privilegiado ao abrir as portas da percepção para o fluxo das lembranças que chegam com força desse passado à la Bergson. Tange na voz de Nana Caymmi: “Batidas na porta da frente, é o tempo...”.

Walter Benjamin ressalta em seu memorialismo libertário a áurea e a essência da obra de arte, o que nos ajuda a compreender a casa-afetiva como substância da criação poética no domínio da memória. Benjamin inaugura a crítica à reproduzibilidade cinematográfica das imagens que transpuseram a singularidade estética para os simulacros técnicos que explodiram com a indústria cultural.

Dessa forma, livre dessa espoliação, a casa-afetiva, enquanto obra de arte, perspectiva que nossa pesquisa assumiu na perspectiva de Mikel Dufrenne e Gaston Bachelard, torna-se o lugar privilegiado a partir do qual passamos a ver nossas vivências interiores de uma forma não mimetizada, técnica, reproduzível, corruptiva, mas original no campo da existência e edificada por sofrimentos, alegrias e esperanças que se projetam no caminho da desocultação do *Ser*.

Walter Benjamin, em *Rua de mão única*, diz que *a recordação vê o ser amado sempre em miniatura*<sup>11</sup>. Bachelard arremata: “você então compreenderá que uma tamanha vontade na luz do olho pode sonhar o inacreditável”<sup>12</sup>. Saint Exupéry, em *O Pequeno Príncipe*: “Tu verás onde começa, na areia, o sinal dos meus passos. Basta esperar-me. Estarei ali esta noite (...) Será como a flor. Se tu amas uma flor que se acha numa estrela, é doce, de noite, olhar o céu. Todas as estrelas estão floridas”<sup>13</sup>.

A casa-afetiva nos fala de uma memória autobiográfica que recapitulo na crônica do “Rei e o Omelete de Amoras”, de Walter Benjamim em *A rua de mão única*.

Certa vez um rei muito poderoso que esbanjava opulência, fortuna e vivia num suntuoso castelo mandou chamar seu cozinheiro e pediu-lhe que preparasse omelete de amoras. O rei vivia triste, melancólico, não satisfeito com seu presente imediato, queria o sabor da memória nos lábios. O sabor do passado. O rei queria o omelete de amoras de cinquenta anos atrás provado na infância, quando ele e seu pai, após fugirem por uma floresta escura, encontram uma choupana onde morava uma vovozinha que lhes convida a descansar e prepara aos convidados famintos omelete de amoras. Diz o rei que nunca mais achou a vovozinha e, desde então, o sabor daquele omelete com gosto de esperança

---

eu, inconscientemente, reconheceria o gosto do bolinho, pois nesse instante a criatura que eu fora era um ser extra-temporal, por conseguinte despreocupado das vicissitudes do futuro. Só vivia da essência das coisas e não podia alcançá-la no presente, onde, não entrando em jogo a imaginação, os sentidos eram incapazes de exigir a ação. Tal ser tão fora da ação, do gozo imediato; fizera escapar ao presente. **Só ele nos traz o tempo perdido**. No passado ao falar das alegrias, do espírito à raciocínios - o que existia em mim eram enfadonhas a vida e a sociedade - ao passo que experimentava renascer em mim, trazidos do momento passado”. Marcel Proust, “Tempo Redescoberto”. Vol. 7. In: *A busca do tempo perdido*, p. 179.

<sup>11</sup> Walter Benjamin, *Rua de mão única*, p. 43.

<sup>12</sup> Gaston Bachelard, *O direito de sonhar*, p. 10.

<sup>13</sup> Saint Exupéry, *O Pequeno Príncipe*, p. 63

tornou-se lembrança. O rei incube o cozinheiro de preparar um omelete de amoras idêntico ao da vovozinha, se conseguisse, seria gratificado com honrarias, caso contrário, morreria. Certo que o sabor exato não poderia ser reproduzido, apesar de conhecer os ingredientes, as etapas e os detalhes para preparar omelete de amoras, o cozinheiro disse ao rei que seu destino seria morrer, pois não tinha os temperos que a alteza trazia na memória, o medo, a sensação de fugir com o pai, a adrenalina da noite, a perseguição, o calor, o escuro da floresta, o milagre da choupana de uma vovozinha e, sobretudo, a iguaria da esperança. - “O rei, calou um momento, e não muito tempo depois deve tê-lo destituído de seu serviço, rico e carregado de presentes”<sup>14</sup>.

O poder fenomênico da casa-afetiva na memória tem esse efeito de regresso ao que nos é mais original, único e tecnicamente irreproduzível. Propicia experiências de enraizamento face à hostilidade do mundo, coisificação das imagens, reificação da vida social e ao esquecimento dos elos da memória.

Nessa perspectiva, a casa-afetiva é um objeto biográfico no domínio do insubstituível, isto é, das coisas que envelhecem conosco e nos dão a sensação de continuidade e pertencimento. Como diz Ecléa: “Só em sonhos podemos retornar ao chão, onde demos nossos primeiros passos”<sup>15</sup>. E a terra, diante disso, se renova na transformação das formas mais duras da matéria perceptiva em sua maleabilidade mais íntima, tal como forjar uma lembrança percussiva de emoções. Ecléa diria, eis o *trabalho da memória*.

Uma fenomenologia da casa-afetiva no domínio da memória pressupõe a visada intencional para o espaço vivido no reino próprio da intimidade do recordador com vistas à luz das estrelas remotas que se tornam mais intensas conforme suas significações. Nesse jardim das rosas da memória, passeamos mais um pouco com Ecléa Bosi:

A história de um passado aberto, inconcluso, repleto de silenciamentos e hesitações, na fantasia, ainda cheio de promessas. Não o julgo como um tempo ultrapassado, mas como um universo contraditório do qual posso arrancar algumas rosas chamadas sim, outras não, a tese e a antítese, o que triunfou e o que foi truncado<sup>16</sup>.

Na linha de Walter Benjamin, meditar sobre a casa-afetiva pode reorientar a percepção estética das nossas imagens autobiográficas e primordiais, ao ocasionar a elucidação dos estados psíquicos que ganham luz no reino das lembranças.

Nesse labor, vontade e imaginação convergem, diria Bachelard. E, se o pensamento prepara a construção de um habitar, diria Heidegger, nesse espaço de vida, dá-se a abertura para o acontecimento do *Dasein* numa região de contato com os entes e repouso do *Ser*.

Logo, por sua natureza de signo autobiográfico, a casa-afetiva principia expressões estéticas no campo da percepção e das formas narrativas e literárias de vida que buscam reconduzir a memória a sua originalidade ontológica. Paul Ricoeur, em *Memória, História e Esquecimento*, nos oferece alguns elementos a mais para reunirmos os microvestígios da casa-afetiva no domínio da memória. Vamos partir, então, da concepção de risco que o esquecimento oferece à elaboração do passado histórico da casa-afetiva.

---

<sup>14</sup> Walter Benjamin, *Rua de mão única*, pp. 219-220.

<sup>15</sup> Ecléa Bosi, , *O tempo vivo da memória*, p. 27.

<sup>16</sup> *Ibid*, pp. 32-33.

De um ponto de vista mais linear, a memória corre o risco de tornar-se matriz de uma história que segue indiferente no fluxo sucessivo do tempo. É nesse sentido que Paul Ricoeur postula o imperativo de uma reapropriação do passado histórico por uma memória que a história feriu<sup>17</sup>. No domínio autobiográfico, isso implica o trabalho fenomenológico da memória em busca dos seus nexos históricos.

Nessa perspectiva, a casa-afetiva não é um objeto da história, mas um percepto da memória. Está relacionada aos processos de recordação que surgem de forma espontânea no espírito a partir do signo de algo que se tornou ausente, mas “que consideramos como tendo existido no passado”<sup>18</sup>. Paul Ricoeur fala de uma imagem-recordação presente no espírito como alguma coisa que já não está lá, mas esteve. Trata-se do paradoxo *presença, ausência e anterioridade*. Então que a metáfora teria um trabalho especial na elucidação por revelar impressões que podem dissolver esse enigma. Mas...,

(...) permanece o mesmo enigma: a impressão ou o rasto, ambos, estão plenamente presentes, no entanto, pela sua presença reenviam para a chancela do sinete ou para a inscrição inicial do rasto. Além disso, a noção de ausência tem múltiplas significações: pode referir a irrealidade de entidades fictícias, de fantasmas, de sonhos, de utopias; ora a ausência do passado é qualquer coisa de inteiramente diferente. Compreende o sentido da distância temporal, do afastamento, do afundamento na ausência, marcado na nossa língua pelo tempo verbal ou por advérbios como “antes”, “depois”. Reside aí o enigma que a memória deixa como herança à história: o passado está, por assim dizer, presente na imagem como signo da sua ausência, mas trata-se de uma ausência que, não estando mais, é tida como tendo estado<sup>19</sup>.

Esse “tendo estado” seria para Paul Ricoeur a substância da história que a memória busca extrair e reencontrar. A tese de Paul Ricoeur é que a escrita da história como forma de reapropriação da memória não suprime esse enigma com o qual a memória trabalha, ao *modo bergsoniano*, com vistas ao reconhecimento fenomenológico das ausências.

Assim, podemos dizer que a casa-afetiva conserva o que nela se passou antes que nos lembremos de reconhecê-la numa determinada presença significativa desse nosso passado histórico.

A memória por si-mesma indica que os microvestígios da casa-afetiva são um privilégio que a história não tem acesso. Assim, o reconhecimento fenomenológico participa do trabalho autobiográfico da memória sobre o passado que reivindica uma rememoração, ao modo de Paul Ricoeur, Gaston Bachelard, Henri Bergson, em contraponto às metodologias historiográficas que fraturam as possibilidades de expressão das experiências humanas no domínio poético da linguagem.

Uma fenomenologia da casa afetiva, como trabalho autobiográfico da memória, tem efeitos de recomposição nas fraturas de reconhecimento sofridas entre nosso recordador e seu passado histórico. Nota-se nos estudos sobre a memória autobiográfica o modo afetivo como ela se organiza, se estrutura e se refaz por meio das suas imagens poéticas e das narrativas literárias.

---

<sup>17</sup> Paul Ricoeur, “Memória, História, Esquecimento”. Conferência proferida em inglês por Paul Ricoeur, em 8 de Março de 2003 em Budapeste sob o título “Memory, history, oblivion”.

<sup>18</sup> *Ibid*, p. 2.

<sup>19</sup> *Ibid*, p. 2.

O historiador Patrick Hutton, conhecido por seus trabalhos sobre a *arte da memória*, nos fala de uma memória que foi sofrendo perdas identitárias e obsolescências face às novas exigências do mundo moderno ancorado no computador<sup>20</sup>. É nesse sentido também que o trabalho fenomenológico da memória, sob o signo autobiográfico da casa-afetiva, reestabelece a constante epistemológica das antigas práticas da arte memória relacionadas aos prazeres dos ouvidos, como nos conta o historiador francês François Hartog a respeito do sentido de crença estabelecido entre o *visível e o dizível* e entre o *observável e o notável*<sup>21</sup>.

A fidelidade do olhar seria uma marca *da arte da memória*. No domínio da casa-afetiva, o invisível penetra o audível. Hartog nos diz que quando a *ópsis (eu vi)* não é possível ou não é mais possível, a *akoé (eu ouvi)* assume a condição de visibilidade da *arte da memória* de um “eu vi mais distante de um passado recente”<sup>22</sup>.

O memorialista da casa-afetiva reflete aquele que se posiciona de frente para o tempo passado tornado invisível. Nesse sentido, comenta François Hartog, a ordem é “convocar a figura do poeta”, aquele que fabrica *mythoi*. O *mythos* desperta o prazer do ouvido por decorá-lo ao gosto do desejo e de um encanto que conduz ao prazer do rememorador.

Doravante, a casa-afetiva marca o caminho de volta às origens da memória de uma ausência em busca de um passado vivido como presente, tal como Ulisses que acordava todos os dias como se fosse o primeiro até o reencontro com Penélope.

Lembro-me do amor do carteiro Florentino nos tempos de cólera narrados por Gabriel Garcia Marquez. Ele, ainda moço, apaixonou-se por Firmina. Amor doído de ver. A menina estava sempre vigiada e foi por meio das trocas de bilhetes que por dois anos os dois trocavam juras e faziam promessas de felicidades e abraços que deveriam esperar algum dia.

Após esses dois anos, Firmino envia uma carta de perdido de casamento. Firmina espera quatro meses para responder e aceitar o pedido. Impõe a condição de esperarem mais dois anos.

Alguns meses antes de se concluírem os dois anos de espera, o pai de Firmina descobre as correspondências secretas. Firmina é enviada para fora da cidade. Então, seguiram-se mais dois anos de correspondências escondidas entre os jovens.

Após esse período, Firmina retorna a sua cidade e, ao acaso, eles se reencontram. Florentino a vê passar e a chama: - “Deusa coroada?”. Firmina, sobriamente, ignora.

Então, o pai de Firmina arranjou-lhe um casamento com o ilustre médico da região, senhor Juvenal Urbino. Pobre Firmino, dilacerado ficou. Dali em diante, viveu a esperança louca de um dia, quem sabe, aquele abraço.

Foram 51 anos, 9 meses e 4 dias de espera. Garcia soube fazer de uma forma que criou a estória mais bonita de amor entre dois velhos. Aquele amor que leva à exaltação de que valeu a pena o universo ter sido criado só por causa daquele momento.

Na *Ilíada* narrada por Homero, Ulisses é aquele que também não quer esquecer o sentido histórico das suas angústias, o que só pode ser possível quando determinada duração do passado afirma o *logos* do presente.

---

<sup>20</sup> Patrick Hutton, “The art of memory reconceived: from rhetoric to psychoanalysis”. In: *Journal of History of ideas*: pp. 371-372.

<sup>21</sup> François Hartog, “Régimes d’historicité: Présentisme et expériences du temps”. Disponível em: <https://journals.openedition.org/osp/752>

<sup>22</sup> *Idem*, *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro* (1980).

Por isso mesmo que a *arte da memória* nos situa no limiar dos acontecimentos mnemônicos da casa-afetiva sob o signo de uma ausência que se expressa como uma não coincidência de si-mesmo, alojada numa distância lembrada, tal e qual Ulisses e Penélope e a sublime espera amorosa de Florentino.

Patrick Hutton destaca que, no domínio da *arte da memória*, a tarefa do mnemonista é lembrar voluntariamente a relação entre imagens, enquanto lugares familiarizados, e suas respectivas sensações. Nessa perspectiva, a casa-afetiva é um percepto de referência imediata para o quadro imaginário da memória.

A *arte da memória* inscreve-se numa determinada forma de se compreender o mundo vivido e não refere uma habilidade hermética de recuperação de conteúdo. Trata-se de uma chave universal; uma chave mestra que abre o trabalho da imaginação poética ou ainda, uma “imaginação resiliente”<sup>23</sup>, entre *lugares* e *imagens*, bem ao modo filosófico do retórico grego Simonides no séc. V a.C.

Como nos conta a historiadora Frances Yates, em *The art of memory*, Simonides oferece um treino da *arte da memória* com vistas à seleção dos lugares para a formação das imagens mentais do que desejamos lembrar e, assim, guardarmos esses lugares nas imagens. A ordem dos lugares preservaria a ordem das imagens e essas, por sua vez, denotariam as coisas em si-mesmas.

Vejamus que a *seção I do Manuscrito* de Newton argumenta que o que “nunca está” e “em lugar nenhum está” não pode ser dito existir. “Para todo ser absoluto, há uma maneira adequada de cada coisa em si mesma ser no espaço”<sup>24</sup>.

Tempo e lugar são affections comuns (Latim: affectiones) de todas as coisas sem as quais absolutamente nada pode existir. Todas as coisas estão no tempo, como consideradas a duração da existência, e em um lugar (Latim: in loco), como considerada a amplitude da presença. E o que está nunca em lugar nenhum não está na rerum natura”<sup>25</sup>

Em seu artigo, McGuire faz uma breve referência ao uso que Newton fez da palavra hebraica *Makom* para caracterizar a relação entre Deus e o espaço. Em uma carta a Pierre Desmaizeaux em 1718, Newton declara que os hebreus chamaram Deus *Makom Place*, o plano no qual nós vivemos e nos movemos e onde temos nosso *Ser*.

Isto é, *o lugar* seria tudo o que podemos falar da relação entre Deus e espaço no sentido absoluto<sup>26</sup>. Trata-se do exercício de concepção de uma figura que compreendesse o lugar como a parte habitada de uma dada porção do espaço absoluto. Essa operação que já estava presente na *arte da memória* de Simonides reaparece na metafísica de Newton para tratar da relação entre espaço, tempo, lugar e Deus.

Compreendemos que essas relações tocam os implicantes epistemológicos da casa-afetiva na medida em que sua própria ontologia essencial enquanto espaço é uma variação existencial do lugar em que nela o recordador habita.

---

<sup>23</sup> Patrick Hutton, “The art of memory reconceived: from rhetoric to psychoanalysis”. In: *Journal of History of ideas*: p. 374.

<sup>24</sup> J. E. McGuire, “Newton on Place, Time and God: An Unpublished Source”, p. 125.

<sup>25</sup> *Ibid*, p. 117.

<sup>26</sup> *Ibid*, p. 126.

Por meio dessas ponderações, a casa-afetiva sob o trabalho da *arte da memória* religa *lugares (topos)* e *imagens (tropos)*, fazendo emergir estados de consciência de uma temporalidade recuperada. Assim, a casa-afetiva recompõe nossas *imagens perdidas* nos *lugares originais da memória*.

Patrick Hutton comenta sobre essa aventura pelas conexões semânticas entre as imagens do presente e os lugares do passado, tal como a viagem mítica de Hermes, o deus medidor entre os mundos visíveis e invisíveis, “ensinando a compreender o desconhecido, relacionando-se com o familiar<sup>27</sup>.”

Na tradição romanesca da casa-afetiva, as imagens íntimas reúnem sentimentos autobiográficos relacionados aos nossos momentos significativos de vida. Uma essência espacial foi vivida temporalmente e pode ser recriada no trabalho que o imaginário encantador exerce sobre a memória. Nota-se que a experiência fenomenológica da casa-afetiva no domínio da memória oferece uma jornada autobiográfica de um *eu psíquico fundamental*.

Agora, nesse momento, estou sem palavras, só me restam imagens. Minha memorização começa ... e foi assim que mnemósine me atingiu naquele lugar (no ano de 2013) ... Uma poesia local fora dobrada e rememorada em felicidade. Não sei se estamos nos afastando do novo (presente) ou ainda seguimos próximos ao velho (passado), correndo o risco de um vice-versa. Eu, ainda, dou voltas, por ali, onde o novo é um reflexo antigo que avança ininterrupto e infrutífero. Na arte da memorização de Simonides, lá no passado, também recupero a memória que faz reverência ao coração e permite à imaginação persistir em suas ontologias, como se nos revelasse um verdadeiro milagre azul<sup>28</sup>.

O filósofo Franklin Leopoldo e Silva lembra-nos que toda interrogação que se volta para o presente mexe com toda uma carga do passado que não é possível de ser objetivada por se tratar da ipseidade do si-mesmo.

Nesse caso, o trabalho bergsoniano da memória demonstra que o que é dado na experiência epifânica da casa-afetiva é a vivência na temporalidade, contudo, devaneamos aqui como sentida numa espécie de intimidade *à la* Bachelard, um tanto de instante vivido em descontinuidade com a sucessão.

Se fôssemos adotar uma perspectiva, puramente, bergsoniana, para tratar a experiência fundamental da casa-afetiva, aquela que estamos buscando neste ensaio, estaríamos em algum lugar do passado e, sobretudo, naquilo que o diferencia do presente. O poder mnemônico estaria, assim, no que antecede: como quem busca o último suspiro<sup>29</sup> para um novo impulso a esse passado que é sempre duração. Então que para Bergson a dimensão real do tempo é o passado que se prolonga no presente.

No entanto, mediante a perspectiva de Bachelard, a experiência fundamental da casa-afetiva está no instante do que se tornou *sempre presente* entre o passado e o futuro, isto é, a solidão de um instante que abre a descontinuidade do tempo. De acordo com Bachelard, passado e futuro seriam dois nada e o tempo só poderia ser apreendido no instante presente. O

<sup>27</sup> Patrick Hutton, “The art of memory reconceived: from rhetoric to psychoanalysis”. In: *Journal of History of Ideas*: p. 379.

<sup>28</sup>“Meus devaneios”. *Diário Rostos do Mar*. Não publicado.

<sup>29</sup> Franklin Leopoldo e Silva, “Bergson e Jankélévitch”. *Estudos Avançados* 10 (28): p. 334.

tempo morre e nasce no instante que aparece na consciência como aquilo que nos isola do passado e do futuro como presente puro.

Desse modo, a experiência fenomenológica da casa-afetiva no domínio da memória abre o problema da realidade do tempo. Ao considerarmos a perspectiva bergsoniana, estamos assumindo o tempo como duração. Mas, precisamos também assumir que esse tempo puro de Bergson, descolado dos elementos materiais que Bachelard procurou destacar, não resolve nosso problema epistemológico.

Estando a experiência da casa-afetiva sob o signo da duração ou do instante, trata-se de uma apreensão da própria existência numa espécie de domínio epifânico de um tempo não conceitual a respeito do que faz com que a vida entre em temporária coincidência com o que é o nosso próprio mundo, isto é, o devir de um princípio imanente a um dado movimento da matéria (a casa-afetiva) dentro de uma temporalidade que nos desvela o enigma do espírito do tempo.

Seguimos na tradição que procura, na qualidade interna da experiência, o ontológico permanente da casa-afetiva que prepara a consciência para uma coincidência com o tempo.

O que dura vem do passado. Bergson diria que é para lá que voltamos.

Mas, o que o instante sugere pode vir de um passado que em nós não passa. Bachelard, então, diria que somos capazes de reencontrar, em nossa casa-afetiva, as essências do que não muda e estão ali sempre presentes. Uma porção de temporalidade irreduzível.

A experiência da casa-afetiva, como um encontro com o tempo, é um daqueles casos na memória que convoca a salva de palmas para um espetáculo que se põe numa das coincidências mais belas entre a consciência e a liberdade poética a respeito do que podemos apreender da duração e dos instantes daquilo que não mais está presente ou nunca esteve. Talvez, ainda à espera como o paciente amor do carteiro Florentino.

## Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1994.

BACHELARD, Gaston. *A poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERGSON, Henri. *Memória e Vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê, 2003..

DILTHEY, Wilhelm. “Draft Critique of Historical Reason”. *The formation of the historical world in the human sciences*. Chicago: University of Chicago Press, 1978.

DUFRENNE, Mikel. *Phénoménologie de l'expérience esthétique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

HEIDEGGER, Martin. “A origem da obra de arte”. In: *Caminhos de Floresta*. Tradução Irene Borges Duarte e Filipa Pedroso. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

HARTOG, François. “Régimes d’historicité: Présentisme et expériences du temps”. *Référence électronique*. Paris, Editions du Seuil, 2003. Disponível em: <https://journals.openedition.org/osp/752>

HUTTON, Patrick. “The art of memory: from rhetoric to psychoanalysis”. In: *Journal of History of Ideas, Inc.*, 1987. Disponível em: <http://marcuse.faculty.history.ucsb.edu/classes/201/articles/87HuttonArtMemoryReconceivedJnlHistIdeas.pdf>

JAMES, William. *Principles of psychology*. Chicago: Encyclopedia Britannica, 1952.

MCGUIRE, J. E. “Newton on Place, Time and God: An Unpublished Source”. *The British Journal for the History of Science*, XI (38): 114-129, 1978.

PROUST, Marcel. “Tempo Recuperado”. Vol. 7. In: *A busca do tempo perdido*. Trad. Fernando Py. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2016.

RICOUER, Paul. (2003). “Memória, História, Esquecimento”, 2003. Disponível em: [https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos\\_ricoeur/memoria\\_historia](https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia). Acesso em: 23 abr. 2021.

SILVA, Franklin Leopoldo e. “Bergson e Jankélévitch”. *Estudos Avançados* 10 (28): 333-345, 1996.

YATES, Frances. *The Art of Memory*. Vintage Digital, 2011.